Parla!

QUEM FOI O BUDA?

Buda (do sânscrito *Buddha*, lit. “aquele que despertou”) não é um nome próprio, mas sim um título outorgado pela tradição budista. De acordo com essa tradição religiosa, a humanidade, e todos os seres vivos que compõem o mundo físico, vivem em sofrimento por não compreenderem o mundo como ele realmente é. Ao contrário destes, budas despertaram para o conhecimento da verdade sobre o mundo e por isso ficam livres do ciclo de sofrimento que acomete a todos. O mais importante, e que é uma essência do ser buda, é que eles ensinam o caminho da iluminação para todos os que se interessarem por ouvir. E fazem isso movidos por simpatia e compaixão pelo sofrimento alheio, visando apenas o bem-estar da humanidade (GETHIN, 1998).

O buda mais venerado, e também mais conhecido, é Sidarta Gautama. As primeiras fontes budistas contam que ele nasceu na cidade de Kapilavastu (hoje perdida), na fronteira entre a Índia e o Nepal, por volta do século VI a.C. Era filho do líder local, o que sinalizaria uma origem nobre, cercada de privilégios e conforto material. Em um dado momento de sua trajetória, entretanto, a vida privilegiada causou-lhe desconforto. Gautama passou a incomodar-se com o sofrimento alheio, personificados pela doença, pela velhice e pela morte, que invariavelmente chega a todos. Diante da efemeridade da existência humana, ele abandonou o conforto de sua casa e passou a viver uma vida errante e ascética em busca de conhecimento religioso e espiritual (GETHIN, 1998).

Gautama encontrou vários sábios em seu caminho e absorveu todos os ensinamentos que lhe passavam. No entanto, nenhum deles satisfazia sua busca. Certo dia, enquanto meditava sozinho às margens do rio Nairanjana, debaixo de uma figueira, ele teve uma revelação espiritual que lhe afetou profundamente. De acordo com a tradição budista, baseada, em teoria, nos relatos do próprio Gautama, essa experiência chama-se *bodhi*, ou “o despertar”. Esse foi o momento em que Gautama adquiriu profundo conhecimento sobre a natureza do sofrimento humano, suas causas, e como ensinar outros a libertar-se dele (GETHIN, 1998).

Desse momento em diante Gautama foi reconhecido como Buda e dedicou o resto de sua vida a ensinar o caminho da iluminação. Enquanto vagava pelas planícies que margeiam o rio Ganges, o Buda Gautama arrebanhou uma quantidade considerável de seguidores. Era recebido nas casas e acolhia os andarilhos que buscavam seu conhecimento. Ao tempo de sua morte, com oitenta anos, ele havia estabelecido uma comunidade mendicante que angariava recursos entre a população em geral. Seus restos mortais foram cremados e suas relíquias foram divididas entre seus seguidores, que passaram a venerá-las em diversos santuários chamados *stupas* (GETHIN, 1998).

Após a morte do Buda Gautama, os relatos de sua vida e de seus feitos foram compilados e expandidos em diversos textos sagrados. Essa literatura data do primeiro século da Era Comum e foi escrita em sânscrito e em páli – duas línguas sagradas para o budismo. A partir dela, foram estabelecidos os primeiros cânones sobre a vida do Buda Gautama, como o nome de seus pais, seu nascimento milagroso e seus primeiros ensinamentos. Hoje, o budismo é a religião predominante em todo o sudeste asiático, além da China, da Mongólia, das Coreias e do Japão. O budismo também conta com adeptos no ocidente, principalmente nos EUA e na Europa (GETHIN, 1998).

SOBRE A ICONOGRAFIA DO BUDA NA ARTE ORIENTAL

Imagens de Buda contém certas características comuns, independentes do local de produção. Há também pouca variabilidade nessas representações, o que torna difícil uma datação precisa. Em vista disso, as pesquisas sobre a imagética budista apresentam duas definições distintas. Conceituam *iconografia* como análise das formas e características semelhantes entre as imagens, enquanto *estilo* como estudo das especificidades que cada imagem apresenta (BUSWELL, 2004).

A iconografia mais comum do Buda é a sua representação como monge, vestindo o robe característico dessa classe e com todo o cabelo raspado. A tradição budista conta que ele cortou o próprio cabelo com um golpe de espada, de maneira a iniciar sua vida mendicante. Por conta disso, afirmam os textos sagrados que seu cabelo passou a crescer em pequenos cachos voltados para a direita. Desde o século II d.C., artistas indianos passaram a representar os cabelos de Buda como pequenos anéis em sua cabeça, que lembram as conchas de um caramujo (BUSWELL, 2004).

Mesmo reconhecido por seus atributos espirituais e morais, o Buda sempre foi representado como um homem comum. Uma grande distinção aplicada à sua iconografia, em contraste com as demais divindades hindus, é o fato dele ser

representado com dois braços. Além dos robes de monge e dos cabelos em forma de concha, outros elementos iconográficos dão sentido à imagem do Buda. Certos atributos físicos, ou *laksana*, começaram a surgir em representações do Buda, sendo a mais comum delas uma protuberância no alto de sua cabeça. Também certas posturas e posições das mãos, chamadas *mudras*, passaram a integrar sua iconografia. É o conjunto dessas representações que determina uma imagem como sendo do Buda, variando apenas o estilo peculiar de onde é produzida (BUSWELL, 2004).

OS BUDAS DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin possui um variado acervo de estátuas do Buda que compõem sua coleção de arte oriental. Produzidas em diversas regiões do continente asiático, em diferentes épocas e com distintos materiais, essas estátuas dão dimensão da unidade iconográfica da representação do Buda, ao mesmo tempo em que representam os diversos estilos que floresceram por toda a Ásia.

Ao entrar na Sala Chinesa da CMEK, o espaço que congrega a maior parte dessas peças, avista-se o grande *Buda Adorante* (Fig. 1). Com mais de um metro de altura

Figura 1
BUDA ADORANTE
Tailândia
século XIX
Metal fundido e folheado a ouro
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

e toda folheada a ouro, a peça apresenta o Buda de pé sobre uma flor de lótus. A incorporação dessa planta na iconografia budista é uma contribuição de origem indiana, e representa a delicadeza do Buda, também chamado de “pés de lótus” (GRÜNWEDEL, 1901). Seus olhos estão fechados indicando seu estado de profunda meditação. O que chama a atenção na peça é o detalhamento de suas vestes. No lugar das roupas simples de monge, observa-se uma túnica muito bem trabalhada, coberta com detalhes florais. Este seria um exemplo do estilo de representação do Buda que se desenvolveu especificamente na Tailândia.

Logo a frente deste, dentro de uma vitrine de vidro, encontra-se a Cabeça de Buda (Fig. 2) originária de Myanmar, no sudeste asiático. É uma peça simples, de terracota modelada, porém muito útil para ilustrar os principais *laksana* associados à figura do Buda. O primeiro é a já citada protuberância no alto da cabeça, denominada *usnisa*. Não há uma definição precisa sobre o que seria essa protuberância. O segundo seria o *urna*, chamado “terceiro olho”. Sua presença na iconografia desse personagem foi uma incorporação da tradição hindu, posto que urna é um adorno característico do deus Shiva (BUSWELL, 2004).

Na mesma vitrine encontra-se o *Buda Maitreya* (Fig. 3), ou o futuro Buda. Maitreya seria um *boddhisatva*, um ser iluminado no caminho para tornar-se Buda.

Figura 2
CABEÇA DE BUDA
Birmânia (atual Myanmar)
sem data
Terracota modelada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Figura 3
BUDA MAITREYA
China
sem data
Metal (bronze) fundido e moldado
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Os textos sagrados budistas indicam que Maitreya será o próximo Buda a reencarnar no plano físico, aguardando esse momento em estado de dormência no Paraíso. A reencarnação de Maitreya, que se chamará *Jampudvipa*, ocorrerá somente quando os ensinamentos do Buda Gautama, o atual Buda, forem completamente esquecidos (BUSWELL, 2004).

A escultura da CMEK apresenta Maitreya de pé, com os olhos fechados em meditação e trajando o costumeiro robe de monge. Com a mão direita espalmada, e com os dedos para cima, Maitreya mostra o *Abhayamudra*, o mudra do destemor. Esse gesto simboliza a habilidade de ensinar e inspirar seus seguidores. Com a mão esquerda espalmada, e os dedos apontando para baixo, Maitreya mostra o *Varadamudra*, o mudra da generosidade. Este gesto simboliza a caridade, honestidade e compaixão dessa figura. Para confirmar seu estatuto como o próximo Buda, ele é envolto por um portal de fogo, onde se percebe três figuras sentadas em posição de lótus. Estes seriam os Budas anteriores a Maitreya, cujos ensinamentos o acompanharão na reencarnação (BUSWELL, 2004).

Um gesto muito característico do Buda é o *Dhyanamudra*, ou mudra da concentração. É representado pelas mãos sobrepostas, com as palmas para cima e em repouso sob as pernas. Este mudra simboliza o estado contemplativo alcançado por ele na meditação ao desligar-se totalmente do mundo físico. No Japão, é o gesto associado a *Amitabha*, ou Amida, um buda mítico que habita o plano superior e que intercede pelos espíritos encarnados que buscam a iluminação (BUSWELL, 2004).

Em algum momento de desenvolvimento do budismo no Japão o mudra da concentração sofreu uma mudança estilística e passou a chamar-se *jo-in mudra*. Esse novo tipo caracteriza-se pela junção dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo das duas mãos a partir das falanges e a união dos polegares pelas pontas (KAINUMA, 2014). É o gesto visto no pequeno Buda em marfim (Fig. 4), localizado na mesma vitrine do *Buda Maitreya*. Apesar da ficha catalográfica original apontar que a peça foi feita na Índia, a presença do *jo-in mudra* pode indicar uma possível origem japonesa. A iconografia da peça da CMEK é condizente com aquela vista no *Grande Buda de Kamakura* (Fig. 5), uma das mais famosas representações do Buda Amida no Japão.

Figura 4
BUDA
Índia
c. séculos XIX-XX
Marfim
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Figura 5

GRANDE BUDA DE KAMAKURA

Japão

c. 1252 (período Kamakura)

Bronze

Kamakura: Templo Kotoku-in (JP)

BIBLIOGRAFIA

BUSWELL, Robert E. (Org.). *Encyclopedia of Buddhism*. 2 v. Nova Iorque: Macmillan Reference USA, 2004.

GETHIN, Rupert. *The foundations of Buddhism*. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

GRÜNWEDEL, Albert. *Buddhist Art in India*. Londres: Bernard Quaritch, 1901.

KAINUMA, Yoshiko. *Chōgen's Jōdoji Amida Triad and its Environment: A Theatrical Effect of The 'Raigō' Form*. Artibus Asiae, vol. 74, no. 1, 2014, pp. 97–127. Disponível em www.jstor.org/stable/24241092. Acessado em 27 de janeiro de 2021.